

## A MULHER

Eu costumo caminhar pela rua e apuro, cada vez mais, meu senso de observação. Paro numa esquina, o sinal fechado, as pessoas esperando, sem nem ao menos saber o quê, nem o porquê. Não tenho certeza se não sabem mesmo. Há um velho, de bengala, olhar triste, parece rejeitado, quem sabe. Esperando a morte lhe buscar? Um outro homem, mais um jovem, uma bela mulher, acho que casada, não deu tempo de ver se tinha aliança. Pessoas diferentes, distantes.

Uma mulher, em especial, me chamou a atenção. Seu olhar era muito claro; percebia-se angústia e uma dose de tristeza e, para mim, tinha muita convicção do que ela pensava ou fazia. Uns 30 ou 35 anos de idade, feições marcadas, parecendo ter mais. Suas roupas simples, modestas, mas preocupada com sua aparência, com capricho. O sinal continuava fechado. Cabeça baixa, submissa, sem ação. Tomei uma decisão: falar com ela. Toquei-lhe o ombro e perguntei: “A senhora está bem?” Ela se assustou, prontamente pôs sua bolsa ao encontro do corpo, apertando-a. Medo de ser mais um a tentar levar sua bolsa. Seu olhar era de desespero. Sua atitude foi responder com outra pergunta: “Por quê?” Tudo muito rápido.

Como responder a ela o porquê. Como dizer que era seu olhar, o semblante, que seu jeito me compeliu a perguntar. Inútil. Nada compreenderia. Quando pensei em perguntar mais uma vez, o sinal abriu e ela saiu tão rápido que não pude sequer vê-la atravessando. Lá estava ela, do outro lado da rua, caminhando o mais rápido possível, de vez em quando olhava para trás para ver se eu não a seguia. Fixei-me nela. Foi em vão, sumira na multidão, no meio dos carros.

Fiquei preocupado. Qual a razão de me impressionar justamente por aquela mulher, com tantas pessoas naquele momento. Refleti e não pude chegar a conclusão alguma. Nada me indicava uma razão para aquilo. Nenhuma coerência, apenas uma grande confusão mental. Tentei ordenar as ideias, tudo em vão. Loucura talvez. O melhor era esquecer. Esperei novamente o sinal abrir, já que àquela altura tinha aberto e fechado várias vezes. Nenhum passo dei. Continuava ali, parado, naquela esquina, sem ação. O sinal abriu para mim e segui meu caminho. Fui pra casa. Naquele dia, o sono me abandonou. A cabeça não parava de funcionar, até o corpo vencer o cansaço e a dúvida. Dormi profundamente.

Dia seguinte, aquele momento na esquina continuava me martelar. Resolvi voltar lá e tentar encontrar a solução daquele enigma. Repeti todos os gestos, atos, enfim, reconstruí toda a cena. Inútil. Como reviver o momento sem a presença de quem originou tudo: a mulher. Sim, seria impossível sem ela. Frustração era meu sentimento e resolvi desistir definitivamente daquela tortura.

Como sempre faço pela manhã, parei na banca de revistas, comprei o jornal e saí caminhando, folheando as páginas. Folheava, folheava e numa das páginas vi a foto de alguém que, à primeira vista, parecia familiar. Foram alguns segundos de dúvida, logo ao ler a notícia tudo se esclareceu. Minhas dúvidas, angústias e interrogações terminaram exatamente ali. Fiquei parado, perplexo. Eis a notícia:

*Foi encontrado morto no seu barraco, no Morro do Cantagalo, em Ipanema, José da Silva, 40 anos, casado, pedreiro, dois filhos, vítima de facada. A autora do crime foi, nada mais nada menos, que a esposa, Tereza Silva, 35 anos, doméstica. Os vizinhos disseram que o “seu José”, vivia bêbado e batia muito na esposa. E pelo relatos dos mais chegados da família, isso já vinha de muitos anos. Alguns até acham que, desde que se casaram, os espancamentos faziam parte da rotina do casal. Depois de muito esforço da reportagem, conseguimos chegar até a dita mulher, que assassinou seu próprio marido, degolando o “seu José”. Perguntada como ela se sentia com o acontecido, ela respondeu fria e serenamente: “Eu estou me sentindo muito bem”.*

Sergio Serpa